

SOMOS VÁRIOS,  
SOMOS DIVERSOS,  
SOMOS COLORIDOS.



INFORMATIVO DO GRUPO IDENTIDADE DA FUNDAÇÃO HEMOMINAS  
JANEIRO | 2022 | EDIÇÃO 006

# NÃO SOU NEGRO: o que tenho a ver com tudo isso?

Sandra de Souza (Procuradoria/PRE), Januaceli Murta (Arquiteta Urbanista, GIF.AQE.)



A afirmativa "*não sou negro*" carrega em si uma narrativa em prol do desmerecimento.

Se não sou negro, devo ser respeitado, devo ocupar postos de destaque, devo ser visto como merecedor, alguém de boa índole. Não ser negro permite questionar "*o que é ser negro*"?

Ser negro é ter a pele escura por causa da concentração de uma proteína, ter historicamente vivenciado situações degradantes e ter que conviver sob olhares duvidosos, ouvir jargões incapacitantes e ter que viver sobressaltos. Ou sempre estar relacionado a algo errado, a não ser merecedor ou ser ignorado em situações de sucesso.

"O que tenho a ver com isso?" Ver significa o ato de olhar para si ou para alguém, enxergar; dessa forma, permita-se olhar as pessoas negras sem subjugação, ironia, medo ou pena. Observe. No ambiente em que vive, quantas pessoas negras convivem com você em igualdade econômica?

Tudo isso importa, à medida que a pessoa se faz consciente da desigualdade de oportunidades. Seja a oportunidade de estar tranquilamente em locais privados de uso público, seja a de exercer trabalhos bem remunerados.

A perpetuação de condições desfavoráveis às pessoas negras depende de sua postura, cuja mudança ao combater as diversas formas de discriminação é chamada de antirracismo. Assim, a fala "Eu, racista? Tenho até amigos negros..." deve ser revisitada, uma vez que a sociedade imprimiu comportamentos danosos que foram "naturalizados".

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.

(Nelson Mandela)

A prática de atos preconceituosos identificados no cotidiano da vida foram indicados nos Informativos Identidade nº. 2 e nº. 3. Então, você já agiu assim? Por qual motivo? Alguma experiência ou mera repetição de padrões de comportamento?

Sendo consciente, suas ações e falas racistas tendem a minimizar. E mais: influenciarão o meio em que vive e, logo, o modo de pensar de outras pessoas. Mais que não ser racista, é preciso ser antirracista, posição essa que não pode ser teórica.

Acho que a parte mais importante que precisa se pensar sobre a posição dos brancos é que não existe uma luta antirracista teórica, discursiva. Não há como dizer 'eu não sou racista' e apoiar a minoridade penal. Quem é que vai ser preso? Quem é que vai morrer? Crianças negras. 'Eu não sou racista, mas estou apoiando a mudança das leis trabalhistas'. Quem é que vai ficar trabalhando de entregador sem nenhum direito? É o negro. Ou dizer 'Eu não sou racista mas apoio a privatização do sistema de saúde', sendo que quase 100% da população negra é dependente do SUS. (IZAAL, 2020).

Perguntar-se "não sou negro, o que tenho a ver com tudo isso?" alcança o pensamento sobre o privilégio branco<sup>1</sup> que pode ser perceptível quando se aborda relações de poder, acessos à educação, saúde, salários ... inclusive quando se fala em 'possibilidade de se manter vivo'.

Se de um lado o racismo é naturalizado, do outro o privilégio é imperceptível por parte dos privilegiados e reforça o condicionamento do negro a vivências marginalizadas e racistas.

Percebi que era branco no dia que saí de carro com meus primos negros e numa blitz um policial me perguntou se eu estava sendo sequestrado. (IZAAL, 2020).

Independentemente se concordam com a existência do racismo, é observado que pessoas brancas obtêm vantagens sociais em detrimento das pessoas negras, numa sociedade racista.

A partir do reconhecimento da existência de privilégios, é possível ter empatia para tornar o mundo mais igualitário, a sociedade mais justa e as famílias mais bem estruturadas.

[...] Conclui-se, portanto, que tendo consciência de que a dignidade da pessoa humana é um princípio axiológico fundamental e base para elaboração das legislações ao redor do mundo, cada pessoa deve ser tratada com um fim em si mesma e não como objeto, pois ao nascer com vida o indivíduo adquire muito mais que direitos fundamentais, adquire o direito e a garantia de ser. (LFG, 2019).

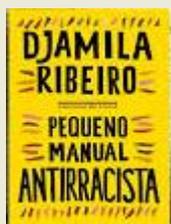
[...] a ONU explica que os direitos humanos são inerentes a cada pessoa, simplesmente por ela ser humana, independente de raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição. São direitos aos quais todos — sem distinção de onde nasce, como vive e a que classe social pertence — deveriam ter acesso. Trata-se do direito à vida, antes de tudo, mas também à segurança, à saúde, à moradia, à alimentação, ao trabalho, a expressar livremente suas opiniões. (PERES, 2018).

Cada um, à sua maneira e possibilidades, deve se esforçar por práticas antirracistas, situação que pode ser visualizada desde como se educa uma criança ou como é realizada a contratação em uma empresa. Afinal, reciprocidade é essencial para o desenvolvimento humano e a construção de uma sociedade equânime. Você tem a ver com tudo isso!

## Quer contribuir para um mundo melhor?

O Grupo Identidade recomenda esses dois cursos de curta duração e gratuitos:

- a) Senac: <https://www.cursosead.sp.senac.br/antirracismo/page4.html>
- b) Alexandra Loras: <https://descola.org/cultura-antirracista>



([clique aqui](#))

---

SAIBA MAIS SOBRE O TEMA:



- BAPTISTA, José Renato. Racismo? O que eu tenho a ver com isso? 02/12/2013 Disponível no Portal Geledès em: <https://www.geledes.org.br/racismo-o-que-eu-tenho-a-ver-com-isso/> . Acesso em: jan/2022.

- CRUZ, BENTO, GODINHO. Racismo, o que eu tenho a ver com isso? 201-. Disponível em: <https://www.saobernardo.sp.gov.br/documents/10181/20774/Racismo-+o+que+eu+tenho+a+ver+com+isso+-+TAA.pdf/5b70b8a4-1cef-4b1b-8933-12159186878a>. Acesso em: jan/2022.

- GONÇALVES, ODARA. "Eu não sou seu negro": um filme sobre os frutos da branquitude. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/02/16/eu-nao-sou-seu-negro-um-filme-sobre-os-frutos-da-branquitude>. Acesso em: jan/2022.

- GRITTI, Juliana Avila. 'A raiz do ódio do negro é a raiva. A do branco é o terror': resenha do documentário 'eu não sou seu negro'. 2018. Disponível em: <https://itcc.org.br/resenha-nao-sou-seu-negro/>. Acesso em: jan/2022.

- IZAAL, Renata. 'A maioria das pessoas brancas não sabe dizer o que significa ser branco', diz autora de best-seller americano sobre racismo. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/celina/a-maioria-das-pessoas-brancas-nao-sabe-dizer-que-significa-ser-branco-diz-autora-de-best-seller-americano-sobre-racismo-1-24507700>. Acesso em: jan/2022.

- IZAAL, Renata. 'A maioria das pessoas não sabe dizer o que significa ser branco'. 2020. Disponível em: <https://fundacaoschmidt.org.br/a-maioria-das-pessoas-brancas-nao-sabe-dizer-o-que-significa-ser-branco/>. Acesso em: jan/2022.

- LFG. Direitos fundamentais de primeira, segunda, terceira e quarta geração. 2019. Disponível em: <https://www.lfg.com.br/conteudos/artigos/geral/direitos-fundamentais-de-primeira-segunda-terceira-e-quarta-geracao>. Acesso em: jan/2022.

- LIMA, Juliana Domingos de. O papel dos brancos na luta contra o racismo. 2020. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2020/06/16/Qual-%C3%A9-o-papel-dos-brancos-na-luta-contr-o-racismo>. Acesso em: jan/2022.

- MARIAH, Morena. O que é privilégio branco? Entenda como a empatia pode ser fundamental para entender realidades diversas. 201-. Disponível em: <https://simaigualdaderacial.com.br/site/o-que-e-privilegio-branco-entenda/>. Acesso em: jan/2022.

- PERES, Ana Cláudia. O direito a ter direito. 2018. FIOCRUZ. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/reportagem/o-direito-de-ter-direitos#:~:text=S%C3%A3o%20direitos%20aos%20quais%20todos,a%20expressar%20livremente%20suas%20opini%C3%B5es>. Acesso em: jan/2022.

- RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. Djamila Ribeiro. 2019. Companhia das Letras. Disponível em: <http://www.stiueg.org.br/Documentos/7/582.pdf>. Acesso em: jan/2022.



- [https://www.instagram.com/mariabopp/tv/CVoKyxpggck/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/mariabopp/tv/CVoKyxpggck/?utm_medium=copy_link)

- [https://www.instagram.com/tv/CIB7IERhFjX/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CIB7IERhFjX/?utm_medium=copy_link)



**Luís Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882) - escritor e ativista político**

Baiano. Nasceu de mãe negra livre, mas foi vendido como escravo pelo pai, fidalgo português que estava endividado. Aprendeu a ler aos 17 anos e, nessa época, conseguiu provar junto aos tribunais que era mantido como escravo injustamente e que, portanto, deveria ser posto em liberdade. Atuou com rábula, um advogado sem diploma que pleiteava causas específicas. Conseguiu libertar mais de 500 escravos alegando que todo negro chegado ao Brasil após 1831 deveria ser livre, tal como dizia a Lei Feijó. Em 2015, a OAB - Ordem de Advogados do Brasil, lhe concedeu postumamente o título oficial de advogado.

Fonte: Biblioteca Nacional. [www.bn.gov.br](http://www.bn.gov.br)

**CONTATO:**

Caso tenha dúvidas, sugestões ou queira propor temas para as próximas edições, envie uma mensagem para: [grupo.identidade@hemominas.mg.gov.br](mailto:grupo.identidade@hemominas.mg.gov.br)

Grupo Identidade – Fundação Hemominas

Adriana Nunes (Humanização/TEC e Ouvidoria), Camila Motta (PRE.ACS), Daniene Santos (Ouvidoria/PRE e Humanização), Débora Azevedo (GIF.AQE), Eder Luciano Vaz dos Santos (Fisioterapia Ambulatório/HBH), Felipe Brito (NAT/GLA/ADC), Januaceli Murta (GIF.AQE) Márcia Braga (Ouvidoria e Humanização HBH), Marcelle Rodrigues (AMB.ENF), Sandra de Souza (Procuradoria/PRE).

